



PIBID: UM RELATO SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA II E AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NO PROCESSO DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Marcela Lima Santos¹
Amanda Jesus Ramos²
Narinha Mylena Rocha da Silva³

GT3 – Educação e Ciências Matemáticas, Naturais e Biológicas.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo, relatar a experiência de duas futuras professoras de matemática durante as atividades desenvolvidas na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática II apresentando as contribuições que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) no processo de planejamento e desenvolvimento das atividades, em uma turma do 6º ano do ensino fundamental em um Colégio da rede estadual da cidade de Aracaju-SE. Utilizamos autores como Mendes (2008), Etcheverria e Felicetti (2016), Carneiro (2015) entre outros para fundamentar o trabalho. Caracterizamos o estágio em duas etapas: a observação e a regência, que consideramos como momentos especiais, uma vez que cada etapa contribuiu de forma construtiva no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Por outro lado, também sendo importante para as estagiárias refletirem sobre sua prática procurando modificá-la de modo que se ajuste ao perfil dos alunos da turma de estágio procurando atender as suas necessidades.

Palavras-chave: Estágio em Matemática. Pibid. Planejamento. Tendências didático-metodológicas.

ABSTRACT

The objective of this work was to report on the experience of two future mathematics teachers during the activities developed in the discipline of Supervised Internship in Mathematics Teaching II, presenting the contributions that the Institutional Scholarship Program (PIBID) in the planning and development of the activities, in a class of the 6th year of elementary education in a College of the state network of the city of Aracaju-SE. We use authors such as Mendes (2008), Etcheverria and Felicetti (2016), Carneiro (2015) among others to base the work. We characterize the stage in two stages: observation and regency, which we consider as special moments, since each stage contributed constructively in the teaching-learning process of the students. On the other hand, it is also important for the trainees to reflect on their practice, trying to modify it so that it fits the profile of the students in the trainees' group, trying to meet their needs.

Key words: Internship in Mathematics. Pibid. Planning. Didactic-methodological tendencies. Students.

¹ Graduanda em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal de Sergipe; Bolsista do Pibid/UFS; Bolsista Voluntária do PIBIC/UFS; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa CNPq EDUCON/UFS. E-mail: marcelafeitosalima@outlook.com

² Graduanda em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista do Pibid. Bolsista Voluntária do PIBIC/UFS E-mail: amanda.jramos22@gmail.com

³ Graduanda em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista do Pibid; Bolsista Voluntária do PIBIC/UFS. E-mail: narinha.milena@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Somos alunas do curso de Licenciatura em Matemática do Campus – São Cristóvão/SE e, também, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programa este instituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

O Programa surgiu com o intuito de incentivar melhorias no quadro atual da educação brasileira. Entre os objetivos relevantes do projeto específico de Matemática da Universidade Federal de Sergipe, estão a valorização do magistério e a possibilidade da participação de alunos da licenciatura em experiências metodológicas e a práticas docentes inovadoras (BRASIL, 2009).

Nesse nosso trabalho, o Pibid-matemática, temos como objetivo reforçar a aprendizagem dos conteúdos matemáticos de forma diferente da tradicional, deixando de lado, aquela forma puramente expositiva adotada por muitos docentes.

No curso de licenciatura em Matemática, temos que cursar o Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática diluído em três disciplinas com oferta obrigatória para atuação em turmas de anos finais do ensino fundamental e de ensino médio.

O estágio supervisionado possibilita ao graduando dos cursos de licenciatura, o primeiro contato com a realidade escolar. É nesse espaço que os graduandos passam a experienciar e a por em prática os conhecimentos teóricos e metodológicos aprendidos na academia. Fiorentini e Castro (2003, p.122), afirmam que:

A prática de ensino e o estágio supervisionado podem ser caracterizados como um momento especial do processo de formação do professor em que ocorre de maneira mais efetiva da transição ou a passagem de aluno a professor. E ainda complementa que essa inversão de papéis não é tranquila, pois envolve tensões e conflitos entre o que se sabe ou idealiza e aquilo que efetivamente pode ser realizado na prática.

Portanto, este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de duas futuras professoras de matemática durante as atividades desenvolvidas na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática II, apresentando as contribuições do Programa no planejamento e desenvolvimento das atividades, em uma turma do ensino fundamental da rede estadual da cidade de Aracaju/SE. Trata-se de um trabalho com caráter descritivo e exploratório, pois visa relatar a experiência de duas futuras professoras de matemática ao



longo das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado, como também de caráter bibliográfico uma vez que buscamos subsídios em teorias estudadas anteriormente.

A experiência inicia-se com a observação que foi realizada em um colégio da rede estadual localizado na capital sergipana, cuja turma foi a do 6º ano C. A turma era composta por 28 alunos, mas nem todos frequentavam regularmente as aulas, uma constatação confirmada no período de observação e de regência.

Nas observações, pudemos perceber que a prática do professor era baseada em aulas expositivas, caracterizada pela exposição do conteúdo oral/escrito sem levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, sendo ele, ativo, e os alunos agentes passivos, receptores das informações transmitidas pelo professor. Mariano (2004, p. 1) afirma que:

O ensino não pode prescindir de mudanças, pois manter-se arraigado num ensino habitual, frente à nova realidade educacional, é insistir na tese de um ensino retrógrado, desprovido de criticidade e voltado exclusivamente para a memorização e mecanização, pura e simples, dos conteúdos.

Diante da prática observada, buscamos dessa maneira planejar as aulas amparadas em concepções teórico-metodológicas, ou seja, as tendências didático-metodológicas no ensino de matemática, tais como: jogos, material manipulável e resolução de problemas, na tentativa de despertar o interesse dos alunos e torná-los agentes ativos, levando-os a realizarem questionamentos.

A seguir faremos, inicialmente uma discussão teórica de conceitos aqui utilizados sobre o estágio supervisionado, em seguida, sobre: os aspectos físicos e organizacionais do campo de atuação; aspectos sobre a turma; aprendizagem do aluno e sua relação com a disciplina de matemática; aspectos pedagógicos em relação ao trabalho do professor; o planejamento das aulas; as contribuições do Pibid no processo de planejamento e desenvolvimento das atividades; as tensões ocorridas no estágio ao longo das atividades desenvolvidas; período de regência e algumas considerações.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO DE MATEMÁTICA II

É uma disciplina obrigatória do curso de matemática, que após estudos teóricos e metodológicos realizados em disciplinas anteriores como: Metodologia do Ensino de Matemática, Laboratório do ensino de Matemática e Estágio Supervisionado em Ensino de



Matemática I, insere o graduando em matemática no seu campo de atuação, podendo vivenciar a realidade do contexto escolar. Para Carneiro (2015, p.1), o estágio supervisionado

[...] é um importante momento da formação inicial, que coloca os futuros professores, via de regra, em contato maior com a realidade da escola e da sala de aula. Portanto, esse espaço precisa levá-los a discutir, refletir e problematizar as dificuldades e os desafios que enfrentarão em sua prática; e a compreender um pouco mais profundamente seu campo de atuação.

Outras autoras complementam o pensamento de Carneiro (2015), nos informando que o estágio supervisionado é fundamental ao processo de formação docente porque oportuniza aos licenciandos conhecerem o campo de trabalho, ao tempo em que observam e fazem reflexão “sobre a prática de ensinar, aprender e avaliar, assim, estágio é um processo de aprendizagem indispensável a um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira” (ETCHEVERRIA; FELICETTI, 2016, p.47).

Para melhor compreender este nosso aprendizado, descreveremos aspectos físicos e organizacionais do campo de estágio, a partir das observações, seguindo com nosso planejamento para aulas de regência.

ASPECTOS FÍSICOS E ORGANIZACIONAIS DO CAMPO DE ESTÁGIO

No Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática II, as atividades foram desenvolvidas em uma turma do 6º do ensino fundamental, na cidade de Aracaju-SE, na qual a matrícula do ano letivo 2017 foi de 485 alunos, com um quantitativo de 44 professores lecionando neste colégio. Funcionando nos três turnos, o colégio atende ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, tem uma boa estrutura física, embora as salas não possuíssem portas, muitas vezes dificultando o trabalho do professor e das estagiárias em sala de aula.

1. PERFIL DA TURMA

As observações iniciaram no mês de julho/2017 em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, no turno da tarde. Tivemos boa recepção da turma e do professor regente, sempre disposto a nos auxiliar perante às dúvidas existentes e que surgiam ao decorrer tanto nas observações como na regência.

Essa turma foi formada por 28 alunos matriculados, embora nem todos frequentassem regularmente, tendo em média, 18 alunos assíduos tanto nas observações como



na regência. Desses 28 alunos, 14 eram do sexo feminino e 14 do sexo masculino com idades variando entre 11 e 17 anos.

Em um primeiro momento, percebemos que a turma costumava organizar-se com as carteiras enfileiradas, havendo momentos em que os alunos sentavam em pequenos grupos de 2 a 3 alunos, mas não comprometia o desenvolvimento da aula. As dificuldades que o professor sentia em controlar a disciplina da turma, ocorria sempre nas aulas do primeiro horário, por chegarem aos poucos após o horário de entrada, as frequentes conversas geravam inquietação entre os que já estavam. Os alunos que sentavam à frente, procuravam interagir com o professor, mas não eram tão participativos, os que se sentavam mais no fundo da sala, poucos participavam das aulas. No entanto, entre esses, tinha um aluno que sempre interagiu e apresentava facilidade nos conteúdos abordados.

Notamos também que haviam entre três e quatro alunos mais indisciplinados sentavam-se no fundo da sala para distrair os demais que estavam sentados ao seu redor. Eles apenas ouviam as explicações, mas não copiava o conteúdo ministrado pelo professor. Outros alunos apresentavam características bastante diferenciadas: uns mais tímidos, outros comportados, além da existência de dois alunos com deficiência física, apresentando idade/série bem defasada ao ano de estudo da turma⁴.

2. ASPECTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DO ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A MATEMÁTICA

Para conhecer um pouco mais a turma com qual realizaríamos nosso estágio, recebemos orientação para elaborarmos um instrumento de coleta de dados para identificar aspectos como a relação dos alunos com a disciplina de matemática e com o professor, considerando que não seria possível somente por meio da observação. Para tanto, elaboramos um questionário com 15 perguntas, o qual segundo Gil (2002, p.128), “é uma técnica de investigação composta de um número mais ou menos elevado de questões, apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”

Embora a turma sendo composta por 28 alunos, no dia da aplicação do

⁴ Em conversas com o professor e com os referidos alunos, constatamos que esses alunos passam por problemas emocionais e familiares. Entre eles, tinha uma aluna que estava morando com a avó por ter sido abandonada pela mãe e o outro encontrava-se sob cuidados do pai, visto que a mãe estava muito doente, à época de nosso estágio.



questionário apenas 16 alunos estavam presentes. Do resultado, vimos que 13 eram do sexo feminino e 03 do sexo masculino com idades entre 11 e 17 anos, além de 02 alunos do sexo masculino informarem ser repetentes.

Em relação à satisfação dos alunos quanto às aulas de matemática, perguntamos como gostariam que as aulas de matemáticas fossem, as respostas foram: “Que demorassem mais”; “Que continuassem do mesmo jeito, pois estava tudo bom”; “Divertida”. Respostas como essas, nos fazem refletir, se os alunos tinham conhecimento ou experiência em uma aula diferenciada amparada nas tendências metodológicas da educação matemática, como: jogos, material manipulável e resolução de problemas.

Será que apresentariam certa rejeição, estranhamento ou até mesmo um distanciamento caso trabalhássemos de maneira diferenciada ao longo das nossas atividades? Foi nosso questionamento, na medida que teríamos de seguir as recomendações da supervisão, trabalhando com tendências didático-metodológicas da educação matemática. Como informamos anteriormente, as aulas observadas havia pouca participação dos alunos, sendo meramente receptores.

No entanto, a relação do professor com os alunos, mostrava-se afetiva e com harmonia, visto que as aulas eram descontraídas. Ao perguntarmos o que mais os alunos apreciavam no professor de matemática, a maioria das respostas foram: “Brincalhão, uma ótima pessoa, faz a gente rir”; “Por que ensina bem, e ele é brincalhão”; “Pelas brincadeiras, explicações e o humor” e “A insistência dele em ensinar, até você aprender”.

Outros aspectos também foram levantados pelo questionário com o intuito de, mediante as respostas obtidas, também contribuir na elaboração dos planos de aulas. Perguntar sobre como gostavam das aulas, as dificuldades que apresentavam durante a explicação do professor, nos ajudou a preparar nossos planos com uso de materiais manipuláveis e de jogos, de modo que houvesse mais participação da parte deles.

3. ASPECTOS PEDAGÓGICOS EM RELAÇÃO AO TRABALHO DO PROFESSOR

Durante o período de observação, percebemos que o professor procurava sempre usar uma linguagem acessível aos alunos. Como também mantinha uma relação de amigo e orientador. Embora suas aulas fossem tradicionais, sem diversificar o uso de recursos e metodologias, existia uma interação entre aluno e professor que tornava a aula menos cansativa fugindo do rigor da matemática.



As aulas observadas aconteceram sempre obedecendo à mesma metodologia, com explicação do conteúdo, exemplos e exercícios de fixação escritos no quadro, já que a turma não possuía livro didático. Um dos fatores que comprometia boa parte do tempo nas aulas, pelo fato do professor ter que registrar todo o conteúdo no quadro. Ele usava apenas quadro, pincel e livro didático para seguir seu plano. Para a resolução de exercícios, ele deixava a turma à vontade, quanto a resolver de forma individual ou em grupos. Contudo, assim que surgiam dúvidas, ele prontamente procurava atender os alunos e sanar suas dúvidas.

4. O NOSSO PLANEJAMENTO DE AULAS PARA A REGÊNCIA DE ESTÁGIO

Para o planejamento das aulas, levamos em conta elementos essenciais tais como: coerência, sequência, flexibilidade, precisão e objetividade. Nossos planejamentos foram realizados considerando os pressupostos metodológicos da educação matemática, estudados em disciplinas anteriores ao Estágio Supervisionado II, como Metodologia para o Ensino de Matemática, Laboratório de Ensino em Matemática e Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática I. Nelas, realizamos estudos em que destacam a importância em implementar a prática pedagógica de modo que o aluno seja ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa maneira, buscamos planejar as aulas incluindo atividades com jogos, material manipulável e resolução de problemas. A escolha quanto ao uso de jogos e material manipulável, se deu porque, segundo Mendes (2008, p.11), são atividades que “têm uma estrutura matemática a ser redescoberta pelo aluno que, assim, se torna um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento matemático”. Em relação à resolução de problemas,

Essa metodologia visa o desenvolvimento de habilidades metacognitivas, favorecendo a todo o momento a reflexão e o questionamento. Ainda completa que, o aluno aprende a pensar por si mesmo, levantando hipóteses, testando-as tirando conclusões e até discutindo-as com os colegas (MENDES, 2008, p. 28).

Durante a elaboração das aulas, uma das nossas maiores preocupações era a questão do controle do tempo, pois nossas aulas eram todas em horários individuais, sem haver sequer uma com horário conjugado. Isso, em alguns momentos se tornou difícil principalmente nas aulas que ocorriam no primeiro horário da quarta-feira.

Procuramos utilizar, também materiais acessíveis aos alunos para que eles e o próprio professor regente percebessem que é possível trabalhar de forma diferenciada usando materiais de fácil acesso. Fizemos uso também de materiais que os alunos ainda não tinham



visto, como os sólidos de acrílico, material do Laboratório de Ensino de Matemática da UFS. Tivemos ainda, a preocupação em usar o mesmo material em mais de uma aula, que foi o calendário (múltiplos, divisores) para que ficasse visível que um mesmo material pode ser usado em mais de uma aula, em diferentes situações didáticas.

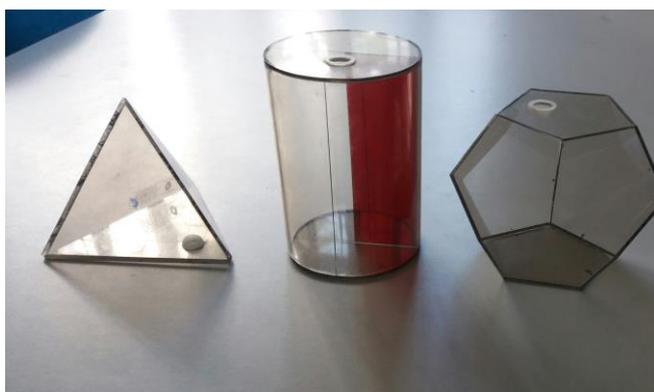


Figura 01. Sólidos geométricos
Fonte: Arquivo pessoal (2017)

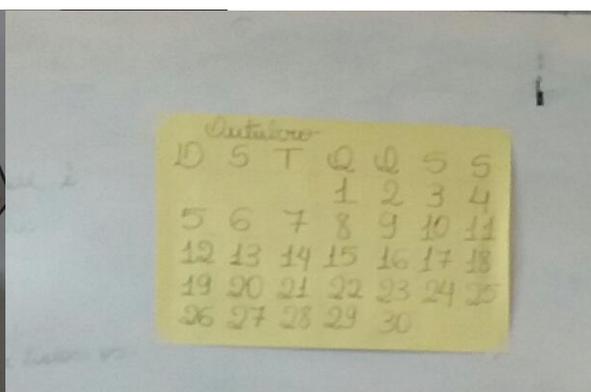


Figura 02. Calendário (múltiplo e divisores)
Fonte: arquivo pessoal (2017)

AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NO PROCESSO DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O Programa Institucional de Iniciação à Docência (BIBID) visa melhorias no quadro atual da educação brasileira e, entre os objetivos relevantes do projeto específico da área de matemática, estão a valorização do magistério e a possibilidade de participação de alunos da licenciatura em experiências metodológicas e práticas docentes inovadoras. Estas práticas consistem em aplicar atividades diferenciadas em sala de aula, para fixar ou introduzir conteúdos matemáticos.

Como dito anteriormente, que a prática do professor regente da turma de estágio era de forma tradicional e, por uma das estagiárias ter sido bolsista do Programa, por meio do qual tem experiências de que essas práticas docentes inovadoras contribuem de forma significativa no processo de aprendizagem dos alunos, ficou combinado durante o planejamento que a dupla estaria realizando a regência de estágio, sob a perspectiva do trabalho que é realizado no PIBID. Assim, não somente estaríamos respeitando as orientações da supervisora de estágio – trabalhar a partir dos pressupostos da educação matemática – como também, sustentadas em práticas inovadoras, teríamos oportunidade de fazer a diferença para aquela turma.

Vale ressaltar que em disciplinas estudadas anteriormente ao Estágio Supervisionado II, como Metodologia para o Ensino de Matemática, Laboratório de Ensino



em Matemática e Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática I, destaca-se a importância em implementar a prática pedagógica do professor, amparada em tendências didáticos-metodológicas, mas a habilidade no processo de elaboração das atividades e planos de aulas que realizamos na regência de estágio, se deu mesmo pelo trabalho que realizamos no Programa PIBID.

Além da facilidade apresentada no processo de elaboração dos planos de atividades/ aulas e na maneira de conduzi-las, a participação no Programa possibilitou segurança no momento de ministrar as aulas, como também a maneira como lidar com alunos indisciplinados e apresentando dificuldades para o entendimento do conteúdo matemático abordado. Essas dificuldades foram evidentes, principalmente, no cálculo das operações básicas, que são também mesmos problemas apresentados pelos alunos, durante as aplicações de atividades como bolsista do Programa.

Para Carneiro (2015), catalisar reflexões sobre a prática docente ajuda a minimizar rupturas entre a formação inicial e a entrada na carreira profissional, como também, possibilita construir uma identidade profissional.

TENSÕES OCORRIDAS AO LONGO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO DE MATEMÁTICA II

Não podemos deixar de ressaltar que, em nosso estágio, também o caracterizamos como o período que vivenciamos algumas tensões e situações, as quais nos possibilitaram refletir sobre nossa prática, postura e planejamento. Antes de iniciarmos a observação, estávamos ansiosas quanto à turma, porque, em primeiro momento, fomos informadas de ser uma das turmas mais inquietas e barulhentas do colégio.

Ao iniciarmos as observações, constatamos casos especiais de alunos que apresentavam certa limitação, ficamos temerosas e assustadas, sem saber de que forma poderíamos trabalhar com tais alunos. Outra tensão que vivenciamos também foi a dificuldade em ministrar a aula, acompanhadas de muito barulho que vinha dos corredores. O fato da sala de aula não ter porta, o barulho externo acabava comprometendo as aulas, sendo muitas vezes necessário interromper a aula e pedir que fizessem silêncio.

Além desse enfrentamento, também o fato de inserir diferentes práticas pedagógicas como jogos, material manipulável e resolução de problemas, na abordagem de conteúdos matemáticos para uma turma que estava habituada a uma rotina de aulas expositivas e resolução de



problemas do tipo algoritmos, sem a utilização de recursos didáticos manipuláveis.

Dentre esses fatos, também vimos necessidade de replanejar nossos planos de aula, sobretudo em função dos horários. Mesmo com o uso de jogos e outras metodologias, tínhamos que copiar conceitos e aplicações no quadro; como tinha o fato de haver aulas no primeiro horário, com alunos acostumados a chegarem atrasados. A falta de livro didático também caracteriza-se como uma tensão para nós estagiárias, pois além de não termos a possibilidade de trabalhar com o livro juntamente com os alunos, nossas aulas eram interrompidas por alunos de outras turmas que viam pedir livro de outras disciplinas emprestado.

Desses fatores, percebemos que as leituras anteriores ao período da regência serviram de reflexões para o replanejamento. Como citam Etcheverria e Felicetti (2016), a reflexão sobre a prática de ensinar, aprender e avaliar ajudam aos futuros professores conhecerem melhor o seu campo de atuação. Fazer as observações, aplicar questionário e refletir sobre o funcionamento do sistema didático, nos permitiu entender o que o estágio supervisionado, de fato, é fundamental para nosso desenvolvimento profissional, ressaltando, no entanto, quando existem orientação e supervisão, para percebermos esses detalhes.

PERÍODO DE REGÊNCIA

O período de regência ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2017, sendo exatamente quatro semanas, o equivalente a 20 h/aulas. Foi para nós uma experiência muito importante, observando-se que, ao decorrer da regência, começamos a nos ver como professoras, a nos habituar com aquela rotina e com a turma, que em algumas aulas se mantiveram em grande maioria atenta e participativa, em outras aulas, estiveram mais eufóricos, exigindo de nós uma postura de autoridade, cobrando dos alunos o mesmo devido respeito que tinham com o respectivo professor regente.

Os conteúdos ministrados ao longo da regência foram: Sólidos geométricos: Poliedros e corpos redondos; múltiplos e divisores: critérios de divisibilidade. As aulas foram planejadas utilizando as tendências citadas anteriormente e, além do livro adotado pelo professor titular, o livro de autoria do Ênio Silveira (2015), também utilizamos Imenes e Lelles (2009) e o de Bianchini (2011). O uso desse material didático nos ajudou a identificar e selecionar diferentes atividades para melhor trabalhar os conteúdos matemáticos.

A rigor, admitindo que compete ao professor a competência para definir suas opções metodológicas, podemos falar que o livro didático não determina,



mas contribui na indução de estratégias de ensino. Muitas vezes, as orientações contidas no livro didático são reproduzidas em sala de aula. Por outro lado, percebemos o poder de influência exercido pelo livro didático na definição das atividades realizadas em sala de aula (PAIS, s,d, p. 03).

Desse modo, novamente destacamos a importância em realizar um estágio supervisionado com leituras e reflexões para o planejamento ter efetividade e resultados satisfatórios.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo relatar a experiência de duas futuras professoras de matemática durante as atividades desenvolvidas na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática II, apresentando as contribuições que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no processo de planejamento e desenvolvimento das atividades, em uma turma do 6º ano do ensino fundamental em um Colégio da rede estadual da cidade de Aracaju-SE. Foi imprescindível amparar nosso planejamento (planos de aulas) em tendências didáticos-metodológicas e elaboração de práticas docentes inovadoras (atividades diferenciadas), habilidades adquiridas no Programa PIBID, além do uso das leituras realizadas em disciplinas anteriores, agora colocando-as em prática.

Caracterizamos esse estágio, como um momento especial em que o graduando passa a assumir o papel de professor. É nesse momento que se obtém as responsabilidades assumidas por um professor, que se depara com diversas situações que se quer imaginamos. Exigindo do professor habilidades capazes de transformar a realidade em que se vive, buscando mudanças em sua prática de forma que contribua no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

A prática pedagógica e a postura assumida pelas estagiárias em sala de aula se deu devido aos estudos teóricos e metodológicos estudados em disciplinas anteriores a do Estágio II, como também a possibilidade de realizar o planejamento das aulas levando em conta os conhecimentos prévios dos alunos.

As adversidades encontradas em sala de aula foram importantes, levou-nos a refletir sobre a nossa prática e a conhecer de perto o cenário do campo em que iremos futuramente atuar, a sala de aula. Isso nos exigiu habilidades em contornar essas situações que



ocorrem nesse cenário, as quais se não tivéssemos participação no PIBID talvez não conseguíssemos o mesmo êxito. Por meio desse programa, os bolsistas vão semanalmente à escola aplicar atividades, além das leituras e reflexões que fazemos considerando as diferentes situações das atividades aplicadas.

Enfim, relatar essa experiência nos faz perceber o quanto o estágio Supervisionado em Ensino de Matemática II foi importante, pois ficamos satisfeitas em poder compartilhar a nossa prática com o professor, e de forma positiva, contribuindo no processo de aprendizagem dos alunos. Por conseguinte, na formação de cidadãos participativos, ativos e efetivos, sem medo de expor seus ideais e opiniões.

REFERÊNCIAS

BIANCHINI, Edwaldo. **Matemática**: Bianchini. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2011.

CARNEIRO, R. F: Narrativas no estágio supervisionado em matemática como uma possibilidade para discussão da profissão docente. GT: Educação Matemática, **29ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)**. FLORIANÓPOLIS\SC, outubro de 2015, p.01-17.

ETCHEVERRIA, T. C; FELICETTI, V. L. Formação do professor de matemática: prática de ensino no contexto da escola. Artigo publicado em **REVISTA FORMAÇÃO DOCENTE**. Nº 1, Vol. 8. BELO HORIZONTE\MG, janeiro\junho 2016.

GAMA, Anailton de Souza; FIGUEIREDO, SonnerArflux de. O Planejamento no Contexto Escolar. Mato Grosso de Sul: **WEB REVISTA DISCURSIVIDADE**, 2014. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-planejamento-no-contexto-escolar/118785/#ixzz4ubA0XjgJ>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IMENES, Luiz Márcio; LELLES, Marcelo. **Matemática**: Imenes&Lelles. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.

MARIANO, A.L.S. Educação para o pensar, educação matemática e PCN: uma aproximação possível? **REVISTA SUL-AMERICANA DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**, v.2, p.1-7, 2004. Disponível em:

PAIS, L. C. Estratégias de ensino de geometria em livros didáticos de matemática em nível de 5ª.a 8ª série do ensino fundamental. Artigo completo publicado na **29ª. REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. EDUCAÇÃO, CULTURA E CONHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE: Desafios e Compromissos**. Caxambu/MG, 15 a 18 de outubro de 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT19-2019--Res.pdf>.